

## **Fundamentos teóricos da análise marxista do sistema monetário internacional\***

**Claus M. Germer\***  
cmgermer@sociais.ufpr.br

### **Introdução**

O presente artigo faz parte de um programa de pesquisa cujo objetivo é delinear a teoria do dinheiro de Marx no seu conjunto, sem desvinculá-la do corpo da sua teoria do capitalismo, a fim de aplicá-la à análise dos fenômenos monetários e creditícios da economia contemporânea. Parte-se do pressuposto de que Marx desenvolveu a teoria do dinheiro como componente essencial e inseparável da sua teoria do capitalismo como um todo. Isto implica que a sua definição do dinheiro como uma mercadoria especial, que se destaca espontaneamente do mundo das mercadorias ordinárias no processo natural de desenvolvimento da economia mercantil, não pode ser focalizada separadamente do corpo desta teoria sem descaracterizá-la globalmente. Disto deduz-se ser inconsistente a sugestão frequente, atualmente, no sentido de ser inválida a definição do dinheiro como mercadoria, sem que se focalize as implicações desta sugestão sobre o conjunto da teoria<sup>1</sup>.

Parte-se também do pressuposto de que a teoria do dinheiro de Marx constitui uma base consistente para a interpretação dos fenômenos monetários e creditícios do capitalismo contemporâneo. Este pressuposto constitui uma hipótese geral do programa de pesquisa, que deve ser testada em seus diversos aspectos. Não há outro procedimento cientificamente justificável, e ele implica partir dos postulados da teoria, tal como formulada, para em seguida submetê-la a teste passo a passo. O procedimento inverso, de partir da sua invalidade por uma suposta superação pelo desenvolvimento concreto do capitalismo após a elaboração da teoria por Marx, teria que ter por base uma estrutura teórica alternativa, esta submetida então a teste. Pelo contrário, na crítica à teoria do caráter de mercadoria do dinheiro, parte-se indutivamente de uma suposta ‘evidência empírica’ de que o dinheiro não é mais uma mercadoria, admitindo-o supostamente substituído por formas puramente simbólicas, mas esta suposição, tanto quanto seja do conhecimento do presente autor, não foram até agora integradas em uma teoria que explique consistentemente o caráter simbólico do dinheiro, em oposição ao seu caráter de mercadoria.

Finalmente, o presente artigo integra um dos ramos do programa de pesquisa mencionado, que diz respeito à caracterização, por Marx, da esfera internacional da circulação monetária, ou seja, do chamado sistema monetário internacional. Esta linha de pesquisa iniciou-se como subproduto da discussão da definição do dinheiro, mencionada acima, ao tornar-se essencial realizar uma crítica do conceito não marxista do ‘padrão-ouro’ e da sua utilização acrítica por autores marxistas na objeção à teoria do dinheiro-mercadoria (Germer, 1998). Todavia, esta crítica baseou-se exclusivamente nos conceitos da teoria geral do dinheiro de Marx, sem desenvolver os fundamentos teóricos específicos necessários à análise da esfera internacional da circulação, que derivam da sua teoria. Isto é necessário a fim de superar a mera crítica a um conceito específico para, ao invés, propor uma conceituação alternativa consistente. Isto é o que se pretende no presente artigo, em uma primeira

---

\* Este artigo integra um projeto de pesquisa apoiado pelo CNPq através de bolsa ao pesquisador.

\* O autor é professor do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, da UFPR. Curitiba, PR.

<sup>1</sup> Deve-se notar que a postulação de que, na teoria de Marx, o dinheiro deve ser uma mercadoria, por imposição da estrutura lógica da teoria - que é o que se faz neste artigo -, não implica afirmar que esta definição está certa. A primeira afirmação confirma-se através do estudo da teoria de Marx, a segunda depende de confirmação através da observação dos fatos, que é o procedimento científico normal.

aproximação. Dado o escasso conhecimento deste aspecto da teoria de Marx, a interpretação oferecida no texto será sustentada em citações literais numerosas e, por vezes, extensas. Embora isto rompa a fluência da exposição, torna-se indispensável como fundamento da interpretação apresentada.

O objetivo para o qual o artigo deve contribuir é o de deduzir, das indicações dispersas de Marx sobre o tema uma estrutura conceitual consistente para a análise pretendida. Como Marx não desenvolveu uma abordagem específica desta matéria, a tarefa não é fácil. O resultado alcançado na exposição que se segue corresponde a apenas uma parte do objetivo original, principalmente por não ter sido possível abarcar toda a estrutura conceitual básica visada. Tratou-se principalmente dos conceitos da teoria do dinheiro, ficando incompleto o tratamento da teoria do capital monetário, no que se refere à esfera internacional. Esta parte e as demais lacunas terão que ser desenvolvidas na continuidade da pesquisa.

Cabe um esclarecimento sobre a bibliografia. As citações literais de obras de Marx foram, na maioria, retiradas de edições alemãs, com tradução do próprio autor. Indica-se também a localização das mesmas citações nas edições em português ou espanhol. As citações de *O Capital*, omitiram o autor e utilizaram as abreviaturas OC e DK, referentes às edições em português e alemão, respectivamente, seguidas do volume em romanos.

### **A esfera da circulação como categoria teórica**

Para a correta apreensão da teoria do dinheiro de Marx é necessário reconhecer o papel crucial que tem, em toda a elaboração teórica deste autor, o chamado método da abstração, muito citado mas cujas implicações parecem ser menos frequentemente compreendidas. No caso do dinheiro, isto implica isolar o fenômeno preciso que lhe dá origem, isto é, excluir todos os elementos acessórios e manter apenas os essenciais ou inerentes ao fenômeno. O fenômeno, no caso, é a simples troca de mercadorias, e os elementos essenciais são os produtores inseridos na estrutura de divisão social do trabalho, a propriedade privada individual e plena dos meios de produção e a independência e autonomia dos produtores uns em relação aos outros. Dentre os elementos estranhos ao fenômeno, aquele cuja exclusão é geralmente mais difícil de ser entendida - e aceita - é a relação-capital, e esta dificuldade é uma das causas de muitos equívocos na interpretação da teoria do dinheiro de Marx<sup>2</sup>. No que se refere ao tema específico deste artigo, a distinção entre esferas de circulação nacionais, ou entre as esferas nacionais e a internacional é outro elemento cuja exclusão Marx explicitamente apontou como indispensável, como se mostrará. Todavia, a relação-capital e a distinção nacional/internacional não são da mesma natureza, pois a primeira constitui uma relação econômica qualitativamente diferente da relação-valor e que se acrescenta a esta, ao passo que a distinção nacional/internacional constitui apenas uma particularização, ou uma maior concretização, do conceito da esfera da circulação.

Como categoria teórica, a esfera da circulação é uma representação abstrata necessária à análise teórica do capitalismo. Mas o que existe na realidade é uma esfera de circulação mundial constituída por certo número de esferas nacionais de circulação, ou, inversamente, esferas nacionais cuja interconexão forma a esfera mundial, mas sob a forma específica de uma estrutura inter-nacional. O procedimento da análise teórica é abstrair a esfera da circulação como uma categoria homogênea. A consideração da sua decomposição em esferas nacionais consiste portanto

---

<sup>2</sup> A exclusão analítica do capital, necessária para permitir a análise isolada do fenômeno dinheiro, é confundida com o problema da precedência histórica do dinheiro em relação ao capitalismo, dando origem a uma discussão em boa medida inócua, em que não se distingue o aspecto lógico do aspecto histórico da análise.

em uma concretização desta categoria abstrata. Na medida que isto é feito após esgotar a análise abstrata, esta concretização é um exemplo do que Marx caracterizou como a atividade propriamente científica, que seria percorrer o caminho que vai das abstrações simples ao concreto real, através da agregação de elementos progressivamente mais concretos às categorias abstratas.

A definição prévia do conceito de circulação, como categoria abstrata, é necessária a fim de que os fenômenos da circulação possam ser adequadamente caracterizados. Eis como Marx a definiu:

“É preciso em primeiro lugar estabelecer o *conceito geral da circulação*. (...) A circulação é a determinação dos preços, o movimento no qual as mercadorias são convertidas em preços: seu realizar-se como preços. (...) Uma determinação essencial da circulação é que ela circula valores de troca, mais precisamente valores de troca determinados como preços. Por conseguinte, um tipo qualquer da troca de mercadorias, por exemplo barter, fornecimentos em espécie, obrigações feudais, etc., não constitui ainda a circulação. Para a circulação são necessárias, antes de tudo, duas coisas: primeiro: o pressuposto das mercadorias como preços; segundo: não atos isolados de troca, mas um circuito de trocas, uma totalidade delas, em fluxo constante, e que ocorrem em maior ou menor medida em toda a superfície da sociedade; *um sistema de atos de troca*” (Marx, 1976a, p. 118; 1977a, p. 120, grifos acrescentados).

Torna-se de imediato patente que a expressão esfera internacional da circulação, utilizada por Marx, designa uma categoria concreta, que é a circulação que ocorre entre diferentes países ou esferas nacionais. Na medida que o capitalismo constitui, na teoria de Marx, um sistema mundial desde a origem, a esfera internacional pode ser entendida, em princípio, como a que corresponderia, no plano empírico, ao conceito abstrato da esfera da circulação como palco indiferenciado da circulação das mercadorias e do dinheiro. Mas a economia mundial, na realidade, é subdividida em unidades nacionais diferenciadas. Há portanto uma diferença essencial entre os conceitos de esfera *mundial* e esfera *internacional* de circulação, uma vez que o termo internacional pressupõe a segmentação nacional. Um pouco de reflexão mostrará que são as esferas nacionais que, como espaços contínuos e homogêneos do ponto de vista da circulação, melhor correspondem, no plano empírico, à categoria abstrata da esfera da circulação. Assim sendo, a esfera internacional será aqui entendida como o campo teórico dos fenômenos que expressam as relações de troca entre diferentes esferas nacionais de circulação, interceptados pelas fronteiras nacionais<sup>3</sup>.

Para maior precisão teórica do conceito, e com base na definição da esfera da circulação dada acima, deve-se conceber a circulação entre países como uma série de atos D-M ou M-D, ou ainda D-D, representando a circulação de mercadorias e dinheiro, e de capitais de empréstimo, respectivamente, interceptados pelas fronteiras nacionais. A fim de representar de modo explícito este aspecto característico da circulação internacional, estes atos podem ser representados como D-(f)-M, M-(f)-D ou D-(f)-D, em que (f) é um fator que simboliza o conjunto dos efeitos das fronteiras nacionais sobre os atos de circulação, que se interpõe entre seus polos mas não os desvirtua. Deve-se notar que, tratando-se de economias capitalistas, os atos D-(f)-M e M-(f)-D representam o primeiro e o terceiro estágios dos ciclos dos capitais industriais, mas isto não altera sua natureza de fenômenos da circulação, em que o dinheiro e a mercadoria são simples elementos da circulação, como se mostrará. Realizando circuitos parcialmente internacionais, estes capitais podem ter as seguintes configurações:

<sup>3</sup> O mercado mundial constitui uma esfera de circulação mundial descontínua, porque segmentada em esferas nacionais de circulação. Mas não é um espaço heterogêneo, pois a conversão do dinheiro (=ouro) em dinheiro mundial, na medida que dissolve os equivalentes particulares de valor e se constitui em equivalente geral, também dissolve as particularidades de mercados locais e gera um esfera mundial de circulação unificada, embora subdividida em esferas nacionais, que é o que caracteriza a descontinuidade mencionada.

1)  $D-(f)-M...P...M'-D'$ , quando há importação de meios de produção. Deve-se notar que o refluxo do capital, representado por  $D'$ , ocorre na esfera do importador. No plano monetário, portanto, este capital lança dinheiro na esfera externa e, ao final do ciclo, extrai dinheiro da esfera interna. Assim, caso esta importação não seja compensada por exportações partidas de outros capitais, a esfera interna terá sofrido redução do dinheiro (=ouro)<sup>4</sup> da circulação, que terá que ser compensada a partir da reserva entesourada.

2)  $D-M...P...M'-(f)-D'$ , consiste na exportação de um produto final, e é o inverso do ciclo anterior. O capital monetário  $D'$ , que neste caso funciona como meio de compra, ingressa na esfera exportadora e segue um curso correspondente ao do simples dinheiro, isto é, não retorna ao ponto de partida, que é um capitalista situado em outro país, mas integra-se ao ciclo do capital exportador. O ingresso de  $D'$  constitui um dos inúmeros pontos de entrada de dinheiro na esfera exportadora, como ocorre na circulação simples. Ao contrário do anterior, porém, este capital é lançado na forma de dinheiro na esfera interna e extrai dinheiro da esfera externa.

Em ambos os casos acima, a venda de  $M'$  e a compra de  $M$ , respectivamente, poderiam também representar operações internacionais, caso em que o fator (f) estaria presente nos dois estágios de cada capital.

3) Os mesmos atos podem representar operações de compra e venda, respectivamente, de mercadorias por empresas comerciais. Neste caso as fórmulas correspondentes seriam  $D-(f)-M'-D'$  e  $D-M'-(f)-D'$ <sup>5</sup>, e o dinheiro teria as mesmas trajetórias, transferindo-se sem retorno para a esfera exportadora, no primeiro caso, e ingressando nela no segundo.

Deve-se observar que, embora se trate de ciclos de capitais, em nenhum dos casos há exportação ou importação de capitais, apenas operações de troca de equivalentes entre esferas diferentes e que, isoladamente, correspondem a operações da circulação simples. Do ponto de vista de cada capital, há metamorfoses da forma mercadoria para a forma dinheiro e vice-versa. Mas do ponto de vista da circulação monetária há saída e entrada definitivas de dinheiro, conforme o caso.

4) A forma  $D-(f)-D'$  representa diretamente a exportação de capital de empréstimo, pressupondo o refluxo de  $D'$  à origem. Neste caso há, na realidade, dupla intersecção internacional, de modo que a representação mais correta do fenômeno seria  $D-(f)-D-D'(f)-D'$ , isto é, o ciclo do capital contém duas transferências internacionais mediadas pelo empréstimo  $D-D'$ . Por outro lado, o ciclo  $D-(f)-D'$  pode ser tomado também como fórmula geral para representar a exportação ou importação de capital industrial. Neste caso há pelo menos duas possibilidades:

a)  $D-(f)-D-M...P...M'-D'-(f)-D'$ , quando o capital monetário é transferido para outra esfera de circulação, como investimento produtivo, retornando após completar seu ciclo. Neste caso o dinheiro descreve o ciclo próprio do capital, retornando ao ponto de partida, ao invés de circular como simples dinheiro na esfera importadora. Neste caso, porém, há saída de dinheiro, cujo prazo de retorno depende do tempo de rotação do respectivo capital;

<sup>4</sup> Em diversas passagens utiliza-se esta forma de referir-se ao dinheiro, a fim de lembrar que o dinheiro propriamente dito, para Marx, é o ouro.

<sup>5</sup> Normalmente o ciclo de um capital comercial é representado, pelo próprio Marx, pela fórmula  $D-M-D'$ . No entanto, a exposição de Marx sobre o lucro comercial requer que a mercadoria seja comprada, pelo comerciante, abaixo do preço de produção, isto é, ele adquire o valor  $M'$  pelo preço  $D$  e o revende por  $D'$ . A diferença é o lucro comercial.

b) D-M-(f)...P...M'-D'-(f)-D', quando o que se transfere são os meios de produção, ocorrendo o refluxo na forma-dinheiro. Neste caso o capital é exportado na forma de mercadorias e retorna na forma de dinheiro, de modo que a esfera importadora sofre uma drenagem definitiva de dinheiro, que se integra à esfera exportadora do capital.

Todos os casos listados constituem atos de circulação simples ou capitalista das mercadorias e do dinheiro. A sua essência, como transações destes tipos, em nada se altera devido à intersecção de fronteiras, que funciona apenas como condicionante das diversas transações. Deve-se notar que a validade destas fórmulas como representação de processos reais baseia-se no pressuposto da constituição de uma esfera mundial de circulação dotada do dinheiro mundial (=ouro), sem o que as formas M e D não poderiam transferir-se como tais entre esferas nacionais de circulação. As formas D e M de uma esfera não teriam equivalência em outras. Ou seja, a validade das formas M e D em diferentes esferas nacionais implica uma esfera de circulação mundial que é homogênea, embora segmentada em esferas nacionais.

O exposto ilustra a afirmação de que Marx analisou a circulação monetária internacional sobre a mesma base conceitual da circulação interna, isto é, da teoria geral da circulação, uma vez que a esfera internacional não constitui palco de fenômenos qualitativamente diferentes daqueles que ocorrem no interior das esferas nacionais. Mais precisamente, a teoria geral da circulação constitui a base conceitual comum da análise dos fenômenos monetários em ambas as esferas. Isto não significa que a esfera internacional não possua especificidades e uma complexidade próprias - contidas na estrutura do fator (f) -, mas que, por um lado, as esferas nacionais e internacional de circulação são, conceitualmente, o local de um mesmo tipo de fenômeno, e, por outro lado, que as especificidades da esfera internacional decorrem da introdução de elementos mais concretos do que aqueles necessários à análise da circulação de mercadorias e de dinheiro stricto sensu. Pressupondo circulação simples, tanto na esfera nacional quanto na internacional a circulação é circulação de mercadorias mediada pelo dinheiro<sup>6</sup>, ao passo que, na circulação capitalista, a circulação de mercadorias e de dinheiro representa momentos da circulação de capitais. Em ambas as esferas e em ambas as situações, o conceito de dinheiro e as funções desempenhadas pelo dinheiro são aqueles desenvolvidos por Marx, com base em uma análise abstrata, na *Contribuição à crítica da economia política* e no volume 1 d'*O Capital*. Isto implica que o desenvolvimento da teoria do dinheiro e da teoria geral da circulação devem abstrair a eventual particularidade das diferentes esferas de circulação, ou seja, a diferenciação da esfera geral da circulação em subdivisões particulares, que são diferentes espécies de uma mesma família - a circulação de mercadorias e de dinheiro. A introdução da esfera internacional e sua diferenciação em esferas nacionais apenas afeta o modo de operação prática de ambos. No caso do dinheiro, afeta por exemplo o modo pelo qual as diversas funções são realizadas e, em alguns casos, os instrumentos que as realizam, como se verá adiante.

### **Crítica metodológica a Ricardo**

Marx criticou a teoria do dinheiro de Ricardo precisamente por não ter adotado o procedimento acima descrito, distorcendo-a ao introduzir nela, indevidamente, a esfera internacional, que implica subordinar a análise teórica ou abstrata do dinheiro a particularidades concretas da esfera internacional da circulação. A crítica de Marx baseia-se no fato de que, sendo a circulação internacional um fenômeno mais concreto que o dinheiro, ambos não podem ser tratados

---

<sup>6</sup> “No que se refere, porém, ao movimento dos metais nobres no mercado mundial (...) este é inteiramente determinado pelo intercâmbio internacional de mercadorias, da mesma maneira que o movimento do dinheiro como meio de compra e de pagamento na esfera nacional é determinado pelo intercâmbio interno de mercadorias” (DK III, p. 303; OC, III/1, p. 240).

simultaneamente, como se pertencessem ao mesmo nível de abstração<sup>7</sup>. Ricardo teria elaborado, inicialmente, uma concepção do dinheiro compatível com a sua teoria do valor baseado no trabalho, mas introduziu abruptamente a dimensão internacional (Marx, 1980a, p. 230). A mesma crítica metodológica é dirigida aos autores da ‘banking school’, como Tooke, Fullarton e Wilson, aos quais Marx se associa na oposição a Ricardo. Segundo Marx,

“De uma forma geral estes autores não focalizam o dinheiro, primeiro, no aspecto abstrato em que se desenvolve no interior da circulação simples e em que emerge da relação entre as próprias mercadorias em movimento. Como consequência disto eles oscilam sistematicamente, de um lado para outro, entre as determinações formais que o dinheiro recebe, em oposição às mercadorias, e as determinações do mesmo, nas quais ocultam-se relações mais concretas, como capital, rendimento e outros assemelhados” (Ibidem, p. 244-5).

Marx argumenta que Ricardo desvia-se para a dimensão internacional para justificar a inflexão na sua linha de análise, que inicialmente contemplava o dinheiro dotado de valor, como qualquer outra mercadoria, para o enfoque oposto, representado pela teoria de Hume. Segundo Marx, Ricardo só conseguiu demonstrar o seu ponto de vista quantitativo através de um artifício teórico, que foi o de abstrair – isto é, excluir de consideração - indevidamente “todas as outras determinações formais possuídas pelo dinheiro, excetuada a de meio de circulação” (Ibidem, p. 233). A mais evidente e artificial abstração, neste caso, foi a da forma-tesouro do dinheiro, ou seja, a sua função de meio de entesouramento. Somente graças a esta abstração é possível demonstrar a pretensão da teoria quantitativa, de que o valor do dinheiro desvia-se do seu valor real sempre que ocorre um desajuste entre a sua quantidade e o valor total das mercadorias a circular em dado período de tempo. A julgar pela crítica de Marx, Ricardo cometeu dois equívocos opostos relacionados com o método da abstração: por um lado incluiu na análise um elemento concreto indevido, que é a esfera internacional, e por outro lado excluiu indevidamente funções essenciais do dinheiro, mantendo apenas uma, a de meio de circulação.

Marx assinala que a deformação dos fatos da circulação monetária por Ricardo, no esforço de validar a sua versão da teoria quantitativa, foi ao ponto de afirmar que os desequilíbrios da balança comercial não são causados por importações ou exportações excedentes, mas resultam de um fenómeno puramente monetário, que é a apreciação ou depreciação do dinheiro<sup>8</sup>. Isto significa dizer que a balança comercial é deficitária não porque se importa mais do que se exporta, mas porque o dinheiro depreciou-se, por ter se tornado excedente internamente devido à quebra de safra, por exemplo, elevando o nível interno de preços em relação ao mercado mundial.

A crítica de Marx é atual e relevante, pois parece impossível, nos dias de hoje, analisar a circulação monetária do capitalismo sem levar em conta a dimensão internacional por ela atingida. A incorporação desta à análise torna-se impositiva, uma vez que, se no passado o próprio dinheiro

<sup>7</sup> “Se Ricardo tivesse formulado esta teoria de modo abstrato, como nós o fizemos, sem introduzir circunstâncias mais concretas e pontos que se desviam da questão central, a sua vacuidade se revelaria de modo contundente. No entanto ele dá a todo o desenvolvimento uma conotação internacional. Mas é fácil demonstrar que a aparente grandeza da escala nada altera na pequenez das idéias básicas” (Marx, 1980a, p. 233; 1974, p. 252).

<sup>8</sup> “Alguns exemplos mostrarão como Ricardo monta forçadamente os fenómenos reais para adequá-los à sua teoria abstrata. Ele afirma, por exemplo, que em épocas de quebras de colheitas frustradas, frequentes na Inglaterra durante os períodos de 1800-1820, exportava-se ouro não porque se necessitava trigo, e o ouro sendo dinheiro e por isso um meio de compra e de pagamento sempre eficaz no mercado mundial, mas porque o ouro se depreciava em seu valor em relação às outras mercadorias e portanto a currency do país no qual a frustração de safra ocorrera estava depreciada em relação às outras currencies nacionais. Porque, pois, a frustração da colheita havia diminuído a massa das mercadorias em circulação, a quantidade dada do dinheiro circulante teria ultrapassado o seu nível normal e consequentemente os preços de todas as mercadorias teriam subido” (Marx, 1980a, p. 235; 1974, p. 254-5).

(=ouro) circulava na esfera internacional, atualmente suas funções de circulação são desempenhadas por dinheiro de crédito – predominantemente expresso em dólares -, fenômeno que se generalizou a partir da instituição do chamado ‘padrão ouro-câmbio’. Assim, há um meio circulante internacional formado por dinheiro de crédito, não por ouro. Todavia, a consideração da esfera internacional não constituirá um erro metodológico análogo ao que Marx criticou em Ricardo, desde que o dinheiro e o dinheiro de crédito sejam focalizados com precisão conceitual e em todas as suas determinações formais ou funções, sem permitir que a introdução da dimensão internacional distorça os conceitos teóricos referentes à natureza do dinheiro e de suas funções. Constitui uma distorção deste tipo a objeção à teoria do dinheiro-mercadoria, feita por autores marxistas, com base precisamente na configuração concreta da circulação monetária internacional, na qual o dinheiro (=ouro) já não circula ou circula pouco. Neste caso a distorção metodológica consiste no fato de que a circulação internacional não corresponde ao nível de abstração necessário para definir o dinheiro.

O fenômeno da constituição da esfera internacional da circulação é relevante em pelo menos um aspecto fundamental, que é o de que o equivalente de valor da economia mercantil em desenvolvimento somente se torna efetivamente *geral* quando esta função se unifica em uma única mercadoria em todo o espaço mercantil, o que significa que o conceito de dinheiro e de suas funções torna-se válido uniformemente em toda a esfera mundial da circulação. Mas a conclusão deste processo apenas completa a constituição do dinheiro, nada introduzindo que o ultrapasse. Há diferenças entre as esferas nacionais e mundial de circulação, mas são diferenças no modo de realização das mesmas funções pelo dinheiro, ou nas formas sob as quais as realiza. A constituição do equivalente realmente *geral*, que dissolve a particularidade dos diversos metais utilizados anteriormente como equivalentes em subdivisões da esfera internacional - principalmente a prata -, ao mesmo tempo que a segmentação nacional é mantida, constitui um passo na tendência teórica do desenvolvimento de uma esfera mundial indiferenciada de circulação.

### **Sistema monetário e sistema de crédito**

Marx distingue a circulação simples e a capitalista como duas configurações da circulação. A primeira caracteriza-se pelo domínio da relação-valor, ou seja, do dinheiro. Na segunda a relação-capital agrega-se à relação-valor e o meio circulante compõe-se, crescentemente, do dinheiro de crédito ao invés do dinheiro. Estas duas situações são denominadas, por Marx, respectivamente, com as expressões ‘sistema monetário’ e ‘sistema de crédito’. Portanto, a esfera da circulação internacional, sob a hipótese da circulação simples, constituiria o ‘sistema monetário internacional’, e sob circulação capitalista o ‘sistema de crédito internacional’.

Sistema monetário é a expressão com qual Marx designa a esfera da circulação correspondente à circulação simples de mercadorias, abstraída (isto é, excluída) a relação-capital, na qual o próprio dinheiro (=ouro) realiza as funções monetárias que lhe cabem<sup>9</sup>. Como primeiro passo da análise do capitalismo, a abstração ou representação abstrata da chamada produção simples de mercadorias e a corresponde circulação simples permite focalizar o desenvolvimento do dinheiro como expressão da pura relação de compra/venda, independentemente da natureza dos produtores. O desenvolvimento das funções do dinheiro dá origem ao sistema monetário propriamente dito, em que o dinheiro (=ouro) circula diretamente, apenas complementado por signos de valor e por títulos comerciais como meio de circulação. No passo seguinte introduz-se a relação-capital, como resultado da qual o sistema monetário desenvolve-se a sistema de crédito, com base na generalização e no predomínio da função de meio de pagamento do dinheiro, a partir da qual desenvolve-se o crédito monetário e o

<sup>9</sup> Marx não define formalmente a expressão, mas o seu sentido é claro. Há numerosas referências em todas as suas obras, mas as mais expressivas podem ser encontradas em Marx, 1980a, p. 217-9/1974, p. 240; 1976b, p. 78, 184-7.

sistema bancário. O mesmo procedimento deve ser adotado na análise da esfera internacional. Portanto, deve-se identificar nesta em primeiro lugar as funções do dinheiro como expressão da mera relação-valor, introduzindo em seguida o capital. Considerando porém que, segundo Marx, o capitalismo é, desde o início, um sistema mundial, isto implica que o sistema monetário e o sistema de crédito desenvolvem-se simultaneamente nas esferas nacionais e na internacional. Assim, a análise da esfera internacional implica que se introduz uma diferenciação da esfera da circulação, conseqüentemente a análise é transposta para um nível menos abstrato, que implica a introdução de elementos da realidade ausentes da análise puramente abstrata do dinheiro. Neste caso, metodologicamente o dinheiro e suas funções, assim como o capital e seus desdobramentos, estão dados na análise abstrata do dinheiro e do capital. A análise da esfera internacional, que supõe a esfera global da circulação subdividida em esferas nacionais, constitui uma concretização histórica do desenvolvimento dos sistemas monetário e de crédito.

O sistema monetário, além de constituir uma abstração analiticamente útil, constitui também, por um lado, um elemento histórico que precede o capitalismo e, por outro lado, um segmento da circulação que continua presente no seu interior, como um momento normal da circulação (Marx, 1980a, p. 218-9; 1974, p. 240) e eventual das situações de crise<sup>10</sup>. Assim, segundo Marx o dinheiro do capitalismo é o ouro<sup>11</sup>. Embora seja uma categoria essencial da economia capitalista, o dinheiro não é um produto do capitalismo, mas este o herda do desenvolvimento da esfera da circulação sob as condições da economia mercantil anterior ao capitalismo (Marx, 1980a, p. 39; Harvey, 1982, p. 251). Nas esferas nacionais, com a evolução da esfera mercantil, o dinheiro (=ouro) é *reduzido* a moeda, através da sua sujeição a normas legais específicas de cada uma. Portanto, as esferas nacionais não criam o dinheiro, mas apropriam-se dele, vestem-no com as suas marcas e o condicionam ao seu aparato legal. Sendo assim, o primeiro passo na análise das características da circulação monetária internacional é partir do pressuposto da circulação simples a fim de determinar as especificidades que o caráter internacional imprime à simples circulação das mercadorias e do dinheiro.

Os elementos constituintes do sistema de crédito, segundo a elaboração de Marx, são os seguintes: inicialmente amplo desenvolvimento do crédito comercial e da utilização de títulos comerciais substituindo o dinheiro como meio circulante entre capitalistas, mediando as transações de maiores valores. Com o crédito comercial desenvolve-se a função de meio de pagamento do dinheiro, que culmina com a sua utilização apenas para a cobertura dos saldos das compensações das dívidas recíprocas entre capitalistas. Desenvolvimento de um sistema bancário cada vez mais abrangente, a partir do capital de comércio de dinheiro, até sua integração pela constituição de um banco central. Sobre esta base, constituição de uma hierarquia de títulos de crédito funcionando como meio de circulação e de pagamento, formando uma pirâmide em cujo ápice aparece inicialmente a nota bancária privada e, na seqüência, a nota do banco central e o depósito bancário. À medida que se constitui esta hierarquia de títulos de crédito de ordem crescente, o dinheiro (=ouro) migra

<sup>10</sup> Ao descrever a função de meio de pagamento, Marx refere-se à corrida frenética pela posse do dinheiro (=ouro), que ocorre no “momento especial das crises do mercado mundial” como o “salto brusco do sistema de crédito para o sistema monetário” (Marx, 1980a, p. 208; 1974, p. 231).

<sup>11</sup> “O ouro e a prata não são dinheiro por natureza, mas o dinheiro é por natureza ouro e prata” (Marx, 1980a, p. 215; 1974, p. 238). Segundo a teoria de Marx, o dinheiro é uma mercadoria especial, que emerge como produto espontâneo do desenvolvimento das trocas mercantis. O ouro e a prata são as mercadorias que, dadas as suas características naturais, melhor se prestam às funções próprias da categoria dinheiro. Embora nas obras anteriores ao *O Capital* Marx se refira ao ouro e à prata, no *O Capital* já enfatiza a preponderância do ouro como equivalente geral e portanto dinheiro, no capitalismo desenvolvido. Referindo-se à transição para a forma-dinheiro, afirma Marx que “a forma de permutabilidade direta geral ou a forma equivalente geral se fundiu agora definitivamente, por meio do hábito social, com a forma natural específica da mercadoria ouro” (OC, I, p. 69).



gradualmente para os andares superiores da pirâmide monetária e acaba concentrando-se no seu ápice, o banco central. A continuidade da presente pesquisa objetiva identificar a evolução deste processo na esfera internacional.

### **Aspectos históricos da análise da interação monetária nacional/internacional**

Na exposição de Marx aparecem dois movimentos em sentidos aparentemente contrários, no processo de constituição do dinheiro nas esferas nacional e internacional da circulação. O primeiro movimento é de fora para dentro, isto é, Marx sustenta que a circulação das mercadorias e o dinheiro surgem historicamente não no interior das comunidades primitivas - portanto não na esfera interna das economias - mas nos pontos de contato entre comunidades diferentes (Marx, 1980a, p. 26, 210; Marx, 1980, p. 299). Como o dinheiro é transferido entre esferas de circulação submetidas a diferentes regras (codificadas em leis ou baseadas apenas no costume), ele não pode derivar o seu valor da convenção, como no caso dos signos de valor, por exemplo - pois as convenções são válidas apenas nas esferas nacionais -, mas deve ser objeto dotado de valor intrínseco, isto é, deve ser uma mercadoria. Assim, o valor do dinheiro não decorre de qualquer dispositivo legal mas do trabalho que custa a sua produção. Assim sendo, na circulação internacional a mercadoria-dinheiro desempenha as funções de dinheiro na forma direta de mercadoria, sem qualquer marca de nacionalidade. Todavia, no desenvolvimento posterior da circulação interna o dinheiro, constituído nas relações com o exterior, é reduzido a moeda ou mero meio de circulação, o que pressupõe uma base jurídica que defina a unidade de referência para a medida dos preços - o padrão monetário<sup>12</sup> - e determine os materiais que podem ser utilizados como substitutos do dinheiro na função específica de meio de circulação, os signos de valor. Assim, neste primeiro movimento o padrão monetário aparece como uma particularização nacional do dinheiro mundial.

O segundo movimento dá-se no sentido contrário, das esferas nacionais para a esfera internacional, característica do capitalismo moderno<sup>13</sup>. É como se, após constituído o dinheiro no âmbito das trocas internacionais, tivesse ele se introvertido e desenvolvido nas esferas nacionais como moeda. Com o desenvolvimento interno da riqueza, porém, surge o entesouramento, o armazenamento da riqueza na forma geral do valor, isto é, em dinheiro (=ouro). Para isto a moeda deve reverter-se em dinheiro, ou seja, em ouro, e nesta forma rompe novamente as fronteiras nacionais e se constitui em dinheiro mundial<sup>14</sup>. Neste caso o dinheiro deve despir o 'uniforme nacional' com que foi vestido para ser convertido em moeda, a fim de reverter-se em dinheiro mundial, ou seja, na forma explícita de mercadoria do dinheiro, que é o ouro<sup>15</sup>. Marx é explícito na listagem das formas puramente convencionais - derivadas do dinheiro com base nas leis locais -, próprias das esferas nacionais: "padrão de preços, moeda, moeda divisionária e signo de valor", formas das quais o dinheiro "despe-se" ao ingressar na esfera internacional. Este segundo movimento parece articular-se, na exposição de Marx, ao desenvolvimento histórico do mercado mundial na transição entre o feudalismo e o capitalismo<sup>16</sup>.

<sup>12</sup> O padrão monetário define-se como uma quantidade determinada do dinheiro (=ouro), fixada em lei.

<sup>13</sup> "No sistema internacional de trocas mais desenvolvido o ouro e a prata apresentam-se inteiramente na forma na qual já desempenhou um papel no comércio de troca primitivo" (Marx, 1980a, p. 26).

<sup>14</sup> "O ouro torna-se dinheiro em oposição a moeda, primeiro ao retirar-se da circulação como tesouro, em seguida ao ingressar nela como não-meio-de-circulação, e finalmente ao romper as barreiras da circulação interna, a fim de funcionar como equivalente geral no mundo das mercadorias. Assim ele torna-se *dinheiro mundial*" (Marx, 1980a, p. 210; 1974, p. 232).

<sup>15</sup> "Portanto, como dinheiro mundial o dinheiro recupera sua primeira forma original" (Ibidem, p. 210; 1974, p. 233).

<sup>16</sup> Como já se assinalou, na interpretação de Marx o capitalismo surge, desde o início, como um sistema de dimensão mundial. O comércio de longa distância, o sistema colonial, o comércio de escravos, são elementos fundamentais do período da acumulação primitiva, que é o seu período constitutivo (DK, I, p. 693-703; OC, I/2, p. 284-92).

Parece evidente que um longo e complexo período histórico interpõe-se entre os dois movimentos. O primeiro sugere uma explicação para o surgimento original do dinheiro como categoria que emerge espontaneamente das trocas, e que posteriormente evolui, em circunstâncias determinadas, em esferas internas limitadas dos modos de produção anteriores ao capitalismo. Dada a característica mundial do capitalismo, com a sua expansão desenvolve-se o dinheiro simultaneamente como dinheiro mundial<sup>17</sup> e como base dos padrões monetários nas esferas nacionais. Todavia, o desenvolvimento do capitalismo implica o desenvolvimento de elementos essenciais a uma expansão que ultrapasse as barreiras representadas por uma circulação puramente metálica, e estes elementos desenvolvem-se em ambas as esferas simultaneamente e apoiando-se reciprocamente. O elemento essencial a este processo é o crédito comercial e seu produto imediato, a letra de câmbio como título comercial mais difundido, como se mostrará a seguir.

### As funções do dinheiro na esfera internacional

Como já se mencionou, a análise teórica da circulação internacional baseia-se, por um lado, nos conceitos desenvolvidos na análise abstrata da circulação das mercadorias e do dinheiro e, por outro lado, nos efeitos derivados da intersecção nacional, condensados simbolicamente no fator (f), que definem o maior grau de concretude que caracteriza o tema. Um destes efeitos, segundo Marx, consiste em uma diferenciação na hierarquia das funções do dinheiro e nas formas em que ele as realiza, em relação à circulação geral<sup>18</sup>. Como já se afirmou, o caráter e as funções do dinheiro, na esfera internacional, em nada diferem daqueles desenvolvidos na análise abstrata e verificados nas esferas nacionais de circulação.

A primeira e mais proeminente função do dinheiro é a de dinheiro mundial. Apesar de tratar especificamente desta função, Marx explicitamente assinala que não se trata de uma nova função<sup>19</sup>, ao contrário, é na esfera internacional que o dinheiro em primeiro lugar aparece objetivamente como equivalente de valor de caráter *geral* e realiza as funções próprias do dinheiro enquanto tal, que são as mesmas na esfera internacional e nas esferas nacionais. O que eleva o dinheiro à condição de dinheiro mundial é especificamente o fato de que, através da expansão do comércio mundial, as mercadorias desdobram o seu valor cada vez mais amplamente em toda a esfera mundial da circulação<sup>20</sup>. E o que expande o comércio a todo o âmbito mundial é a difusão da revolução industrial e seus efeitos, produzindo em massa e gerando o consumo de massa, uniformizando padrões de produção e consumo, e com isto uniformizando também as expressões de valor e reduzindo-as, progressivamente, a uma forma única - o dinheiro (=ouro). De modo inverso, a conversão do ouro em dinheiro mundial converte a indústria e o comércio apenas em meios de captá-lo em todos os recantos do mercado mundial e, através disto, em fatores de aceleração da unificação do mercado mundial<sup>21</sup>.

<sup>17</sup> Isto é, o ouro é gradualmente adotado como dinheiro por todos os países capitalistas significativos, que é o que caracteriza o 'padrão ouro internacional'.

<sup>18</sup> Estas especificidades são do mesmo tipo das que se manifestam, por exemplo, quando a relação-capital é sobreposta à relação-valor. Neste caso, a função de meio de pagamento torna-se predominante sobre a de meio de circulação, e o dinheiro de crédito sobre o signo de valor, sem qualquer alteração nas definições das funções e formas do dinheiro.

<sup>19</sup> "A determinação do dinheiro de servir como meio de troca e de pagamento *internacional*, não é na realidade uma nova determinação que se acrescenta ao dinheiro como tal, equivalente geral - e por isto poder ser tanto tesouro como meio de pagamento. Na determinação do equivalente geral está contida a determinação de mercadoria geral, na qual precisamente o dinheiro primeiro se realiza como moeda mundial" (Marx, 1980a, p. 26).

<sup>20</sup> "Pelo fato de as mercadorias, na circulação mundial, desdobram universalmente o seu próprio valor de troca, a figura delas, transformada em ouro e prata, aparece como dinheiro mundial" (Marx, 1980a, p. 212; 1974, p. 235).

<sup>21</sup> "Enquanto, portanto, as nações de possuidores de mercadorias convertem o ouro no dinheiro adequado, através da sua indústria multifacetada e do seu comércio generalizado, a indústria e o comércio lhes aparecem apenas como meios de extrair dinheiro, na forma de ouro e prata, do mercado mundial" (Marx, 1980a, p. 213; 1974, p. 235).

Deste modo, a adoção do ouro como dinheiro, por todos os países capitalistas, no último quarto do século 19 - período de vigência do chamado 'padrão-ouro internacional', não é um fenômeno estritamente monetário, mas é a expressão monetária da unificação da esfera mundial da circulação sob o impulso dissolvente da expansão do capital industrial, e a conseqüente elaboração do dinheiro mundial na figura do ouro. Portanto, a sua explicação teórica situa-se fora do campo monetário, noção que corresponde plenamente à concepção do dinheiro, na teoria de Marx, como uma categoria em tudo derivada e dependente da produção e da circulação das mercadorias, e especificamente do capital, quando este está constituído. A eliminação da prata da condição de dinheiro de uma parte da economia mundial constituiu o último episódio da constituição do dinheiro mundial. Como já mencionado, na medida que tanto o ouro quanto a prata constituíam equivalentes de valor, cada um adotado por um grupo de países, não havia um equivalente geral, mas dois, nenhum deles sendo, portanto, realmente *geral*, e cada um operando em uma parte da esfera internacional de circulação. Na economia mundial havia, portanto, duas esferas de circulação de âmbito internacional, que se interpenetravam, uma vez que a diferença entre dois países, no que se refere ao material que constituía o equivalente de valor, não impedia o intercâmbio entre eles, embora o dificultasse, devido, entre outros fatores, à constante necessidade de conversão, à constante flutuação da relação de valor entre ambos, e à necessidade de detenção de reservas nas duas formas. Mas Marx também observou que, em uma esfera nacional, só podia haver um equivalente<sup>22</sup>. Disto deduz-se que o estabelecimento de vínculos econômicos cada vez mais estreitos entre os países conduziria, necessariamente, à constituição de um único equivalente de valor, isto é, de um equivalente efetivamente *geral*, fenômeno que se realizou sob o chamado 'padrão-ouro internacional'.

A segunda função a considerar é a de meio de circulação. Na esfera internacional, porém, o dinheiro (=ouro) não funciona como meio de circulação, função na qual ele medeia os ciclos M-D-M que integram a circulação geral das mercadorias<sup>23</sup>. Esta função constitui uma característica específica das esferas nacionais de circulação, uma vez que, neste caso, o dinheiro (=ouro) é reduzido a moeda<sup>24</sup> e signo de valor, possuindo um caráter convencional apoiado em uma base legal determinada, que é específica de cada país. Já como dinheiro mundial o ouro perde as características do padrão monetário e os símbolos e convenções a ele vinculados, e reduz-se à sua forma original de mercadoria: o que vale são o seu quilate e peso. Só o dinheiro mundial possui validade em todas as esferas nacionais. Assim sendo, o meio de circulação só possui validade no interior das esferas nacionais, não podendo transpor as suas fronteiras. Por outro lado, os pagamentos de um país a outro implicam a transferência definitiva do dinheiro da esfera devedora para a credora<sup>25</sup>, não podendo, portanto, ser mero signo de valor, mas devendo representar valor real, que só pode ser aquele que possui como trabalho materializado, isto é, como mercadoria. Neste

<sup>22</sup> "Já vimos que na circulação interna de um país só uma mercadoria serve como medida dos valores" (Marx, 1980a, p. 210; 1974, p. 233). Kindleberger, referindo-se também ao bimetalismo, afirma no mesmo sentido: "The medium-of-exchange function can tolerate more than one money without too much trouble; the unit-of-account function cannot. (...) when there are two monies and their relation, one to the other, changes from day to day, a problem arises" (Kindleberger, 1984, p. 55).

<sup>23</sup> "Na circulação internacional de mercadorias o ouro e a prata não aparecem como meio de circulação mas como *meio geral de troca*" (Marx, 1980a, p. 211; 1974, p. 233).

<sup>24</sup> Na teoria de Marx o termo moeda é um conceito que designa, teoricamente, o instrumento de circulação, independentemente do material de que é feito. Este instrumento, pela sua característica de mero intermediário da troca de mercadorias - o que significa que não se destina ao entesouramento -, não necessita ser constituído pelo material do próprio dinheiro, podendo ser feito com materiais menos dispendiosos - os signos de valor -, cujos valores monetários são impressos nele.

<sup>25</sup> "Enquanto tal *mercadoria universal*, enquanto moeda mundial, não é necessário o retorno do ouro e da prata ao ponto de partida, ou em geral o movimento da circulação enquanto tal" (Marx, 1976b, p. 121).

sentido o comércio internacional equipara-se ao escambo, pois o ouro funciona, em cada transação, como uma mercadoria trocada por outra. A comparação com o escambo, porém, é apenas parcial, uma vez que neste caso ainda não há equivalente geral e a categoria valor não está desenvolvida, ao passo que no comércio internacional capitalista, que pressupõe o ouro como dinheiro mundial, a categoria valor está plenamente desenvolvida. Sendo o ouro o equivalente geral de valor, segue-se que a equivalência de uma mercadoria em ouro é seu preço-dinheiro<sup>26</sup> e expressa seu valor plenamente desenvolvido.

Na esfera internacional o dinheiro realiza basicamente as funções de meio de compra e meio de pagamento dos saldos das compensações internacionais, mesmo nas condições hipotéticas da circulação simples<sup>27</sup>. Estas funções devem portanto ser analisadas a seguir. A função de meio de compra não é classificada por Marx, nos textos sobre o dinheiro, como uma função específica, mas ele a menciona em diversas passagens referentes a outras funções. O seu significado preciso evidencia-se apenas ao se reunir as diversas referências. À primeira vista esta função parece confundir-se com a de meio de circulação, uma vez que no ciclo  $M_1-D-M_2$  o dinheiro obtido com a venda de  $M_1$  destina-se à compra de  $M_2$  - funcionando portanto como meio de compra - e todo o dinheiro possuído por um indivíduo provém, em condições normais, de uma venda. Portanto, o dinheiro funciona como meio de compra na sua função normal de meio de circulação. Isto continua válido nas compras realizadas em outro país, pois o dinheiro utilizado foi obtido de uma venda interna, portanto mediou um ciclo do tipo  $M_1-D-M_2$ . O problema parece estar no conceito de *circulação*. O ciclo  $M_1-D-M_2$  é um ciclo de *circulação das mercadorias*, no qual o dinheiro funciona como meio de circulação *das mercadorias*, e o faz funcionando, ele, como meio de compra. No comércio internacional, como já foi dito, não há circulação de mercadorias no sentido acima, mas simples compras, como atos isolados das vendas que deram origem ao dinheiro, o qual se perde na esfera externa<sup>28</sup>. Neste caso, portanto, o ouro não funciona como mediador de um processo  $M_1-D-M_2$ , ou seja, como meio de circulação, mas apenas como meio de compra<sup>29</sup>. Mas, se o ato de uma mercadoria *circular* consiste em *mudar de mãos*, neste sentido o dinheiro a faz circular<sup>30</sup>. Parece portanto que se deve atribuir dois sentidos à expressão ‘meio de circulação’: o de simplesmente ‘fazer circular’, isto é, mudar de mãos, e o de fazer uma massa de valor completar um movimento circular M-D-M.

Em síntese, a função de meio de compra consiste no ato isolado D-M, através do qual o dinheiro compra mercadorias. Mas Marx utiliza o conceito em três circunstâncias. A primeira é na exposição da função de meio de circulação - no ciclo M-D-M -, quando o produtor compra mercadorias à vista

<sup>26</sup> O preço-dinheiro é a designação do valor da mercadoria expresso no material monetário, isto é, em ouro, para distingui-lo do preço-padrão, que é o valor expresso no padrão monetário (Germer, 1997, p. 50-4).

<sup>27</sup> “O meio geral de troca funciona, no entanto, apenas nas duas formas desenvolvidas de meio de compra e de meio de pagamento ...” (Marx, 1980a, p. 211; 1974, p. 233).

<sup>28</sup> “Na esfera da circulação interna o dinheiro, na medida que era moeda, representando o mediador da unidade em processo M-D-M ou a forma apenas fugidia do valor de troca na interminável mudança de lugar das mercadorias, atuava exclusivamente como meio de compra. No mercado mundial ocorre o inverso, o ouro e a prata aparecem aqui como meio de compra, quando o metabolismo é apenas unilateral e conseqüentemente a compra e a venda se separam” (Marx, 1980a, p. 211; 1974, p. 233). Ao dizer que, como moeda, o dinheiro funciona ‘exclusivamente como meio de compra’, o que quer dizer é que ele não funciona como meio de entesouramento.

<sup>29</sup> “Que o ouro e a prata, nesta determinação de *moeda mundial*, de modo algum executam, necessariamente, o movimento circular que é típico deles como moeda propriamente dita, mas que podem representar unilateralmente um lado como comprador, o outro como vendedor, é igualmente uma das observações que se impuseram nos anos da infância da sociedade burguesa” (Marx, 1980a, p. 24).

<sup>30</sup> Este é o sentido exato do conceito de circulação, utilizado por exemplo na discussão do meio de pagamento: “o meio de pagamento entra realmente em circulação, isto é, ele passa realmente das mãos do comprador para as do vendedor” (OC, I, p. 115).

após ter vendido. A segunda é na função de meio de pagamento, quando compra com pagamento diferido. Neste caso funciona como ‘meio ideal de compra’ (OC, I, p. 115). Finalmente, no comércio internacional o dinheiro funciona ‘exclusivamente como meio de compra’ quando um país compra de outro independentemente de ter vendido, e deve portanto pagar em dinheiro (=ouro). Marx exemplifica com a aquisição de alimentos no exterior, devido a uma quebra da safra nacional, quando não há contrapartida. Portanto, neste sentido, no comércio internacional capitalista o dinheiro (=ouro) não funciona como meio de circulação, mas apenas como meio de compra. Nesta esfera, na medida que as esferas nacionais permaneçam como esferas individualizadas e diferenciadas de circulação, há compra e venda, mas não circulação de mercadorias no sentido teórico em que condiciona o dinheiro como meio de circulação.

### **A função de meio de pagamento para a liquidação dos saldos comerciais**

À medida que o comércio internacional se desenvolve, expande-se a função do dinheiro (=ouro) como meio de pagamento, de modo que, tal como na esfera nacional, é o crédito comercial que funciona como meio de promover a mudança de mãos das mercadorias. Neste caso o dinheiro funciona em primeiro lugar como medida de valor, e em seguida como meio ideal de compra. O dinheiro só ingressa na circulação no momento do pagamento, precisamente na função de meio de pagamento. Mas, logo que o comércio internacional adquire certa regularidade, o dinheiro limita-se a funcionar como meio de pagamento na liquidação de saldos restantes da compensação de dívidas recíprocas<sup>31</sup>.

A função de meio de pagamento desempenha um papel fundamental na edificação do sistema monetário do capitalismo. Segundo a teoria de Marx, o crédito comercial - isto é, o diferimento do pagamento - constitui a base naturalmente desenvolvida da função de meio de pagamento do dinheiro, e esta a base de todo o sistema de crédito e especificamente do sistema bancário e do dinheiro de crédito. Esta interpretação, embora desenvolvida no contexto da análise concreta da esfera nacional da circulação, apóia-se nos conceitos da teoria geral da circulação. Como estes se aplicam, igualmente, à esfera internacional, é legítimo pressupor que os desdobramentos, nesta esfera, sigam os mesmos lineamentos gerais dos verificados nas esferas nacionais. Assim, a hipótese básica da presente pesquisa é que, na esfera internacional, a expansão da circulação de mercadorias dê origem, também, à expansão do crédito comercial e da função de meio de pagamento do dinheiro e, conseqüentemente, crie as bases para o desenvolvimento de formas progressivas de dinheiro de crédito, o que pressupõe, por seu turno, o desenvolvimento de um sistema bancário internacional. Leva-se em conta, porém, as especificidades introduzidas nas transações internacionais pela influência das intersecções de fronteira, simbolizadas pelo fator (f) já mencionado. O passo imediato consiste, portanto, em investigar o desenvolvimento da função de meio de pagamento na esfera internacional e suas implicações.

Com o desenvolvimento do comércio interregional e internacional desenvolve-se crescentemente a função de meio de pagamento, que se aplica tipicamente à liquidação dos saldos da compensação de dívidas recíprocas<sup>32</sup>. Nisto teve papel fundamental a letra de câmbio, que é um título de crédito<sup>33</sup>

<sup>31</sup> “A função de meio de pagamento, para a compensação dos saldos internacionais, predomina” (DK, I, 1981, p. 116; OC, I/1, p. 119).

<sup>32</sup> “Quanto mais se desenvolve a troca de mercadorias entre as diferentes esferas nacionais de circulação, mais se desenvolve a função do dinheiro mundial como *meio de pagamento* para a compensação dos saldos internacionais” (Marx, 1980a, p. 211; 1974, p. 234).

<sup>33</sup> Segundo Marx, a letra de câmbio deve ser entendida como expressão de um crédito em espécie, pois o vendedor adianta a mercadoria ao comprador, recebendo o pagamento em uma data posterior. O caráter da letra de câmbio não implica o crédito monetário, nem teórica nem historicamente. Mesmo quando as letras eram emitidas contra o

que circula até o vencimento desempenhando funções do dinheiro<sup>34</sup>. A utilização das letras de câmbio, entre outras vantagens, evitava o transporte do próprio dinheiro (=ouro), que era incômodo tanto devido ao peso quanto ao risco de perda por acidentes ou assaltos. As letras de câmbio desempenharam funções monetárias durante vários séculos antes que se vinculassem ao crédito monetário por intermédio do desconto. Neste período inicial, na medida que agentes específicos se tornaram comerciantes de letras de câmbio, estes agentes representavam o que Marx denominou ‘capital de comércio de dinheiro’, responsável por operações monetárias de caráter meramente técnico, principalmente em nome de comerciantes, isto é, realização em seu nome de pagamentos, recebimentos, compensação de créditos recíprocos, guarda de saldos em dinheiro, etc. Justifica-se a longa citação de Marx, a seguir:

“O comércio de dinheiro, o comércio com a mercadoria-dinheiro desenvolve-se, portanto, primeiro a partir do comércio internacional. Assim que passam a existir diferentes moedas nacionais, os comerciantes que compram em países estrangeiros precisam converter sua moeda nacional em moeda local, e vice-versa, ou então converter diferentes moedas em prata ou ouro puros, não cunhados, como dinheiro mundial. Daí o negócio do câmbio, que deve ser considerado como um dos fundamentos naturalmente desenvolvidos do moderno comércio de dinheiro. Dele se desenvolvem bancos de câmbio, nos quais prata (ou ouro) funciona como dinheiro mundial - agora como dinheiro bancário ou dinheiro comercial -, em contraste com a moeda corrente. O negócio cambial, enquanto mera ordem de pagamento para viajantes, do cambista de um país para outros, já havia se desenvolvido em Roma e na Grécia a partir do negócio cambial propriamente dito. O comércio com ouro e prata enquanto mercadorias (matérias-primas para a confecção de artigos de luxo) constitui a base naturalmente desenvolvida do comércio de barras (*bullion trade*) ou do comércio que medeia as funções do capital como moeda mundial. Essas funções (...) são duplas: correr de lá para cá entre as diferentes esferas nacionais da circulação para a compensação dos pagamentos internacionais e nos casos das migrações do capital colocado a juros; aos lado disso, movimento a partir das fontes de produção dos metais nobres pelo mercado mundial e distribuição da oferta entre as diversas esferas nacionais da circulação” (OC, III, p. 238-9).

As letras de câmbio não eram descontadas, mas compradas e vendidas, portanto não havia vínculo com o crédito monetário, como já mencionado (Kindleberger, p. 39). Mesmo excluindo relações de crédito monetário, a sua utilização nas transações internacionais teve importantes efeitos monetários decorrentes da sua compensação. Em cada país as letras eram transacionadas entre exportadores e importadores, compensando-se e reduzindo a um mínimo a necessidade de pagamentos internacionais em dinheiro (=ouro). O dinheiro funcionava, portanto, como meio de pagamento para a liquidação de saldos comerciais internacionais. Estabelecia-se em cada praça um mercado de letras de câmbio, no qual a relação entre a oferta e a demanda determinava oscilações nas taxas de câmbio das diversas moedas envolvidas nas transações, limitadas estas oscilações pelos chamados ‘pontos de ouro’. Em momentos de escassez de letras para a cobertura de saldos devidos ao exterior, a liquidação de tais saldos tinha que ser feita em espécie, isto é, com dinheiro (=ouro). Em uma base anual, a ocorrência de superávit ou déficit comercial entre dois países refletia-se em transferência física de ouro para o país superavitário, sem interferência de autoridade monetária ou previsão de reserva de dinheiro (=ouro). Tudo transcorria espontaneamente nas transações entre comerciantes

---

comprador, para pagamento à vista, isto é, no recebimento da letra, havia crédito em espécie, pois o trânsito da letra até o seu destino era demorado, devido à lentidão dos meios de comunicação. Mesmo entre cidades próximas a entrega da letra demorava vários dias, indo a várias semanas ou meses entre cidades distantes (Kindleberger, 1984, p. 39)

<sup>34</sup> A importância da letra de câmbio como alavanca da circulação tem sido destacada por todos os autores significativos que se debruçaram sobre o tema, pelo menos desde Adam Smith (Smith, 1952, p. 133-37). Thornton, cujo livro clássico analisa pela primeira vez, com grande extensão, as funções do dinheiro de crédito, dedicou às letras de câmbio os dois primeiros capítulos da obra (Thornton, 1962, p. 75-89). Mill examina a letra de câmbio como uma das formas do ‘crédito substituindo o dinheiro’ (Mill, 1983, p. 69-77).

dos diferentes países. A centralização e o controle da reserva nacional são fenômenos que emergem juntamente com o sistema bancário desenvolvido.

Os bancos privados surgem na Europa inicialmente apenas como forma mais pura do comércio de dinheiro, realizando principalmente operações de câmbio, depósito e remessas para o exterior, e esporadicamente crédito monetário, mesmo assim apenas localmente<sup>35</sup>. A periodização da evolução das relações de crédito deve ser referida aos períodos significativos que marcam o desenvolvimento do capitalismo, segundo a interpretação da teoria de Marx. Sendo o capitalismo caracterizado, especificamente, pelo domínio do capital sobre a esfera produtiva, Marx caracteriza a revolução industrial como a condição da efetivação deste domínio, precedido pela era manufatureira como período preparatório, embora já capitalista. Considerando que a plena constituição do capital industrial constitui também uma condição para a subordinação plena dos capitais comercial e bancário à sua lógica, parece necessário estabelecer explicitamente uma relação entre o desenvolvimento do capital industrial e o do sistema bancário<sup>36</sup>. Deve-se admitir, nesta linha, que o sistema bancário na sua feição moderna só pode começar a desenvolver-se após a revolução industrial. À medida que esta se difunde, os bancos são cada vez mais subjugados pela estrutura da rotação dos capitais em conjunto, que determina a oferta e demanda do capital de empréstimo que constitui a matéria-prima com a qual os bancos operam, e que lhes é fornecida pelo capital industrial, aí incluído o capital comercial, também reduzido a um apêndice do primeiro. Antes disto, são outros os fatores, de caráter precursor, que devem ser levados em consideração, e estes estão vinculados ao desenvolvimento dos estados nacionais e do capital comercial. De fato, os fatores aos quais Marx atribui, no período da manufatura, o papel de pontos de apoio para o surgimento e desenvolvimento dos bancos, não se situam na esfera da produção. Dois dos mais importantes entre estes são o financiamento da dívida pública, ou seja, ao Estado, e a gestão das transações financeiras do Vaticano<sup>37</sup>. No presente artigo somente se menciona a constituição dos primeiros rudimentos do sistema monetário internacional antes da revolução industrial. Faltam ainda elementos teóricos e históricos para a elaboração do período seguinte.

Verifica-se portanto que, de modo idêntico ao que ocorre nas esferas nacionais de circulação, a difusão do crédito comercial e da função de meio de pagamento do dinheiro constituem, também na esfera internacional, a base para o surgimento e a expansão, no capitalismo, do dinheiro de crédito e do sistema bancário que constitui a sua base imediata. Sendo assim, a linha de abordagem indicada, com base na teoria de Marx, para a análise do desenvolvimento das formas concretas do sistema monetário internacional, é investigar o desenvolvimento das relações de crédito - e especificamente bancárias - na esfera internacional.

---

<sup>35</sup> Referindo-se aos primeiros bancos, Kindleberger afirma que "... they conducted business largely in exchange of currencies, with no element of credit. Over time, money-changers evolved into exchange bankers who remitted funds, or deposit bankers who transferred them locally and sometimes made loans ..." (Kindleberger, 1984, p. 42).

<sup>36</sup> Deve-se notar que, embora os bancos tenham surgido nos primórdios da transição para o capitalismo, a constituição do sistema bancário como tal, na sua feição moderna, corresponde às fases mais desenvolvidas do capitalismo, iniciando-se grosso modo em meados do século 19, mas constituindo um fenômeno generalizado apenas do século 20.

<sup>37</sup> "O fato de os papas terem imposto o pagamento de contribuições eclesiásticas a quase todos os países cristãos católicos contribuiu não pouco, inicialmente, para o desenvolvimento do sistema monetário como um todo na Europa economicamente ativa" (Hüllmann, citado por Marx, 1981a, p.703; 1977b, p. 404). Kindleberger, no mesmo sentido, afirma que "Quickly, Italians became skilled in transferring monies in international trade, and handling the substantial payments received and dispensed by the Church in Rome" (Kindleberger, 1984, p. 43).

## Outras funções do dinheiro

As demais funções e fenômenos monetários realizam-se, na esfera internacional, de modo idêntico às esferas nacionais, com especificidades que não afetam a sua natureza comum. Assim, a quantidade de dinheiro presente na circulação internacional é determinada de modo idêntico à esfera nacional, isto é, em função da soma de valores de mercadorias a circular e do valor do próprio dinheiro, dada a velocidade do dinheiro. Sendo esta soma uma grandeza continuamente variável, segue-se que a quantidade de dinheiro presente na esfera da circulação deve flutuar correspondentemente, o que implica necessariamente a função de meio de entesouramento como mecanismo de ajuste da quantidade de dinheiro em circulação à demanda da circulação em cada momento<sup>38</sup>. Antes da constituição do sistema bancário e de um banco de reserva, que é o banco central, os tesouros encontram-se dispersos em toda a economia, nas mãos dos produtores individuais. Tais tesouros devem a sua existência, no nível individual, tanto à ânsia da pura acumulação de riqueza quanto à necessidade de reservas para os vencimentos correspondentes ao desempenho da função de meio de pagamento. Mesmo pulverizadas na economia, as reservas individuais somam uma massa que constitui a reserva nacional. A consideração da esfera internacional revela que, ao lado da reserva condicionada pela circulação interna, forma-se uma outra soma de reservas de meios de pagamento internacionais, sempre necessários para a liquidação dos saldos internacionais, como já exposto. Assim, antes da existência dos sistemas bancários nacionais integrados, a função de meio de pagamento para a liquidação dos saldos internacionais não deve ser entendida como uma operação contábil realizada por uma autoridade monetária nacional, como o banco central - que não existia nos primórdios do capitalismo -, mas como uma operação realizada correntemente pelos agentes do mercado.

## Conclusões

A investigação conduzida nesta pesquisa permitiu, em primeiro lugar, deixar claro que a teoria do dinheiro de Marx apóia-se em uma estrutura conceitual geral, que se aplica tanto às esferas nacionais da circulação quanto à internacional. Em segundo lugar, também fica evidente que Marx abrangeu na sua análise um enfoque abrangente da esfera internacional. No presente artigo, porém, focalizou-se principalmente a teoria geral da circulação e a sua expressão na situação abstrata da circulação simples. Ficaram excluídas e remetidas à extensão posterior do trabalho, os textos em que Marx focaliza especificamente os fenômenos internacionais sob o capitalismo desenvolvido, que são numerosos mas concentram-se especialmente no livro III de *O Capital*.

Por outro lado, considerando a dependência que se estabelece, na teoria de Marx, dos fenômenos monetários em relação ao processo material de produção e circulação de mercadorias, esta investigação permitiu constatar que esta relação de dependência permite estabelecer um vínculo específico entre a periodização da evolução do sistema monetário internacional e do capital industrial em termos globais. Assim, o sistema bancário, na sua feição moderna, só pode começar a emergir a partir da consolidação e difusão da revolução industrial. Esta constatação indica, para a continuidade desta pesquisa, que o vínculo industrial/bancário seja mais rigorosamente focalizado a fim de estabelecer as bases precisas da periodização da evolução do sistema monetário internacional.

---

<sup>38</sup> “Da mesma forma que a circulação interna, a circulação internacional exige uma quantidade sempre variável de ouro e prata. Uma parte dos tesouros acumulados serve, pois, para cada povo, de fundo de reserva de dinheiro mundial, que ora se esvazia, ora se enche novamente, acompanhando as oscilações da troca de mercadorias” (Marx, 1980a, p. 211-2). 1974, p. 234).



## Bibliografia

- GERMER, C.M. (1997). Credit money and the functions of money in capitalism. *International Journal of Political Economy*, v. 27, n° 1, Spring, pp. 43-72.
- GERMER, C.M. (1998). O conceito de ‘padrão-ouro’ e os equívocos da economia política. Anais do III Encontro Nacional da Sociedade Brasileira de Economia Política, vol. I, p. 564-579. UFF, Niterói, 10-12.6.98.
- HARVEY, D. (1982). *The Limits to Capital*. Chicago : The Univ. of Chicago Press.
- HÜLMANN (1826/29). *Städtewesen des Mittelalters*. 2 v. Bonn : s/e. (Citado por Marx).
- KINDLEBERGER, C.K. (1984). *A financial history of Western Europe*. London : George Allen & Unwin.
- MARX, K. (1974). Para a crítica da economia política. In: MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. Seleção J.A. Giannotti. São Paulo : Abril Cultural. P. 107-263.
- MARX, K. (1976a). *Ökonomische Manuskripte 1857/58. Text - Teil 1. (Grundrisse I)*. Berlin : Dietz Verlag. 309 p. Karl Marx Friedrich Engels Gesamtausgabe (MEGA), II/1.1.
- MARX, K. (1976b). *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Borrador) 1857-1858. v. 3. 3a. ed.* México : Siglo xxi Argentina Editores.
- MARX, K. (1977a). *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Borrador) 1857-1858. v. 1, 9a. ed.* México : Siglo xxi Argentina Editores.
- MARX, K. (1977b). *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Borrador) 1857-1858. v. 2, 6a. ed.* México, Siglo xxi Argentina Editores. 493 p. 1a. ed. 1972.
- MARX, K. (1980). *Das Kapital; Kritik der politischen ökonomie, Band III*. Frankfurt/M : Ullstein Materialien.
- MARX, K. (1980a). *Zur Kritik der Politischen Ökonomie*. Berlin : Dietz Verlag. MEGA, II/2.
- MARX, K. (1981). *Das Kapital; Kritik der politischen Ökonomie, Band I / Mit einem Geleitwort von Karl Korsch*. Frankfurt/M : Ullstein Materialien.
- MARX, K. (1981a). *Ökonomische Manuskripte 1857/58. Text - Teil 2. (Grundrisse II)*. Berlin : Dietz Verlag. p. 315-747. Karl Marx Friedrich Engels Gesamtausgabe (MEGA), II/1.2.
- MARX, K. (1983-1985). *O Capital; crítica da economia política*. 3 v., 5 t. São Paulo : Abril Cultural.
- MILL, J.S. (1983). *Princípios de Economia Política : Com algumas de suas aplicações à filosofia social*. v. 2. São Paulo : Abril Cultural.

SMITH, A. (1952). An inquiry into the nature and causes of the wealth of nations. Chicago : Encyclopaedia Britannica.

THORNTON, H. (1962). An inquiry into the nature and effects of the paper credit of Great Britain (1802). Introduction by F.A. v. Hayek. London : Frank Cass.